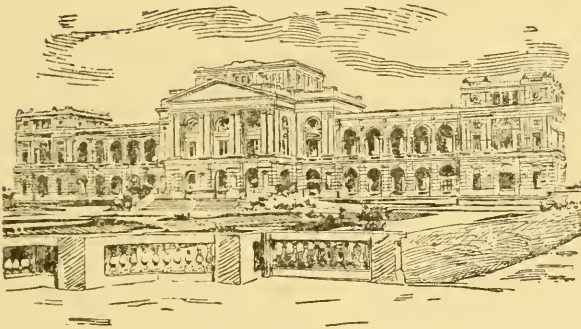


REVISTA

— DO —

MUSEU PAULISTA

TOMO X



SÃO PAULO
TYP. DO "DIARIO OFFICIAL"
1918

NOTAS SOBRE UMA VISITA
A ACAMPAMENTOS DE INDIOS CAINGANGS

PELO

DR. GERALDO DE PAULA SOUZA

Notas sobre uma visita a acampamentos de indios Caingangs

PELO

Dr. Geraldo H. de Paula Souza

Aconteceu em dias de Julho de 1916, lembrem-se amigos nossos, de fazerem um passeio ás terras situadas entre os rios do Peixe e Feio, de propriedade do Sr. Senador Luiz Piza. Pela curiosidade natural de visitar uma zona ainda pouco explorada e a attracção da excellente companhia, nos fez seguir Noroeste afóra, até Pennapolis (226 k. além de Bauri), os irmãos Piza, o Dr. Rivadavia de Barros e o autor destas linhas.

Ver um indigena em carne e osso, ou mais propriamente em pello e nada mais, se nos afigurava expectaculo a experimentar, de cujo sabor não tinhamos a idéa perfeita. Sabiamos ainda, que a benemerita e patriótica accção protectora dos aborigenes, sob a direcção de Rondon, já havia instalado seu quartel ahí e era mais a opportunidade de observar o seu proceder, que se nos apresentava agora.

Passámós apenas alguns dias, no convivio da missão a cargo do Dr. Horta Barbosa e em contacto com os indigenas. Foi, entretanto, o bastante para nos convencermos da viabilidade do estabelecimento de relações humanas e amistosas com esses primitivos donos da nossa terra, fazendo ruir por terra a lembrança pouco generosa, de alguém de responsabilidade, que em tempos, nesta mesma revista, apregoara a necessidade de se exterminar á rifle, o mal defendido Caingang.

Aquillo que um amador, simplesmente, pode colher, em tão pouco tempo, das férias que tomou, é o que a captivante amabilidade do nosso amigo Dr. A. d'Escragnolle Taunay, achou que deveríamos trazer a lume, nas eruditas columnas desta Publicação e que despretenciosamente e até com certo acanhamento passamos a relatar. São apenas algumas notas dessa viagem, na qual gastámos, ao todo cerca de uma semana, com uma permanencia de quatro dias, entre os Caingangs.

Vivem esses indios, no nosso Estado, na zona comprehendida entre a margem esquerda do Tietê e do Paranapanema. Grupos ha, que vivem no Estado do Paraná. Toda essa zona é riquissima em bellissimas mattas, onde o « páu d'alho » abunda em tal quantidade que chega para perfumar todo o ambiente. Com a affluencia de lavradores, grande numero de novas plantações tem substituido a matta virgem, reduzindo o terreno occupado primitivamente pelos aborigenes.

Visitámos dous acampamentos de selvicolas, dirigidos pela commissão de protecção. O primeiro a cerca de 30 k. de Pennapolis, aquem do Feio e o segundo a cerca de 64 k. da mesma localidade, entre os rios Feio e Peixe. Ambos acampamentos estão situados em clareiras na densa matta da região. Algumas casas, construidas de troncos de coqueiro e folhas de zinco, abrigam o pessoal da Commissão. Vivem os indios em palhoças toscas, construidas pelos mesmos, á moda antiga. Umias, simples paraventos inclinados, feitos de alguns páus fincados ao solo, recobertos por folhagens; outras, de dous lances, em fórma de telhado. Como dormem directamente sobre o solo, ás vezes apenas por sobre alguma folha de palmeira, não se veem redes nas suas habitações. Em algumas, um pequenino cercado onde collocam animaes vivos, e sempre um pequeno brazeiro, quasi que completam o sobrio apparelhamento da casa. Quando dormem, dirigem os indios, os pés para o brazeiro, para os aquecerem.

Quando visitamos em 1916 essa região, um

grande incendio lavrava na matta, serpenteando ao sabor do vento, enchendo a atmospherã de densos vapores, afugentando caça e mosquitos. Em toda a viagem, recordamo-nos termos encontrado, apenas alguns lagartos e visto ao longe dous jacares, no rio Feio. Mosquitos rarissimos, não nos foi possível caçar nenhum.

Referiram nos que quando viajam, os indios servem-se por vezes de abrigos semelhantes, aos por nós vistos, espalhados pela matta, e por outros abandonados; quando não os encontram, contentam-se muito frequentemente em se deitarem em qualquer ponto mais limpo do chão. Muitas vezes, como boas escoteiros, pernoitam a sós, o que offerece occasião de serem atacados por animaes ferozes. Teem todos um grande pavor da onça, por elles denominada « mim » ou « ánim ». As casas, ou melhor, palhoças, ao cabo de certo tempo, ficam invadidas por pulgas e outros insectos incommodos. Não as limpam, em geral, preferindo construir nova habitação ao lado, ao mesmo tempo que destroem pelo fogo, a antiga.

Em 19.6, no primeiro acampamento, no *Icatú*, existiam 64 indios, dos quaes 22 homens adultos, 14 menores e o restante mulheres; no segundo, no *Piran*, 31 indios, 12 homens, 13 mulheres e o restante crianças. Outros indios habitavam um aldeamento para os lados do rio do Peixe, afóra os que viviam mesmo internados na matta. Note-se que essa população não permanece fixa aos acampamentos: a maioria dos indios, seja por nostalgia ou por causa outra, vae a matta e volta della para os aldeamentos

Os utensis domesticos dos Caingangs, resumem-se em algumas purungas, atadas com fibras de cipó, onde guardam a agua, de que se servem; outras purungas partidas ao meio lbes servem de pá ou colher para certos misteres. As mulheres fabricam vasilhas de barro preto, de fôrma lembrando a do fructo de sapucaia, de diversos tamanhos e que lbes servem de panellas. Usam de pinças de madeira, feitas de um só pedaço, curvado ao fogo, com

as quaes lidam no braseiro. Fabricam tecidos com fibras de caragoatá e outras. Vimos cestos lindos, tapetes, tangas, que usam muito longas, alguns desses objectos com decorações rudimentares. Mostram grande habilidade no fabrico de flechas, algumas bem adornadas, revelando certo gosto artistico. São estas feitas de brotos rectos de aroeira; a porção que leva as pennas é de bambú atado com imbê preto e branco. A côr preta é dada enterrando por longo tempo o imbê no barro negro. As pontas são geralmente de osso de macaco. Vimos entretanto flexas terminadas por bola de madeira, usadas para derrubar passaros com vida. Naquellas paragens, o mundano «lulú da Pomerania», é substituido por grande cópia de passaros verdes, periquitos, jandayas, maitacas e tirivas, micos, porcos do matto, que fazem o encanto supremo dessa população primitiva.

A vida elegante dessa gente exige ainda o complemento de certos adórnos, sem os quaes até a mais humilde mulher, desmereceria da filiação provavel de Eva. São esses, geralmente collares, feitos de sementes ou dentes de animaes. Modernamente com o contacto com os brancos, arranjarão contas com as quaes fazem os seus enfeites. Vimos um collar, que media 92 centímetros de comprimento e contava 210 dentes incisivos, perfeitos e iguaes, de macaco, atados com imbê ennegrecido. A côr branca, é a que mais os atráe. *Cupri* é sempre *chinuin*, isto é, o branco é sempre bonito. O uso da tanga é exclusivo da mulher. O homem usa uma série de voltas de barbante de fibra de abacaxi, ao redor da cintura, que lhes serve para pendurar caças e provavelmente para segurar o membro viril, quando correm, ou quando se acha em erecção.

O Caingang é um indio bonito, de estatura elevada, muito maior que o guarany, geralmente musculoso. Sendo muito mais forte que qualquer dos nossos companheiros, o que vimos, quando tentavamos armar o seu arco, derrubámol o assim como a outros no

jogo da quèda franceza, que, além de certa força, parece-nos requer certa malicia que elles não possuem. Em virtude dessa prova, cremos que ficaram suppondo termos superioridade muscular.

Segundo opinião que ouvimos do Dr. Horta Barbosa, são, esses indios, dos mais intelligentes do nosso Paiz, embora possuam rudimentar cultura. Quer elle crer, que sejam oriundos da Argentina (das Missões), chegando ao nosso Estado, vindos atravéz do Paraná. Na sua opinião, teriam elles, no ponto de origem, civilização menos imperfeita, sendo que os que aqui vieram ter, como aventureiros intrepididos, só trouxeram o indispensavel consigo, perdendo de vista os elementos de conforto já conhecidos.

Quanto á côr, acontece com esses indigenas, o mesmo que com outros de tribus differentes: ha o typo claro e o escuro. No acampamento de Icatú vimos um afamado indio branco, de tez clara e cabellos louros que, apesar de francamente ser um caso de albinismo, supportava regularmente a luz do dia.

Informaram-nos ter pertencido ao grupo que em tempos, trucidou o monsenhor Claro Monteiro; não nos pareceu peor que os outros e é estimado entre os seus companheiros.

Deve-se ao Visconde de Taunay o conhecimento da denominação de Caingang, que significa — indio, na lingua dessa nação, anteriormente conhecidos por «Coroados», termo que lhes não apraz ouvir.

O trabalho do Visconde, publicado em 1888, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, muito cheio de dados interessantes, serve de descripção daquillo que vimos nos sertões paulistas, embora fossem observados no Paraná. Naturalmente com o contacto com civilizados, e por não terem linguagem escripta, tanto em relação á lingua, como costumes, foram se modificando, brandamente.

Entre os divertimentos referidos por Taunay, ha um combate simulado, com cacetes curtos, que

resulta em frequentes contusões, mais ou menos sérias.

Tivemos, em uma noite de luar, ocasião de observar cousa semelhante. Um grupo de mulheres e alguns meninos, faziam grande algazarra que, impedindo nos de dormir, nos levou a observal-os. Formaram dous partidos, dispostos frente a frente. Um emissario de um dos grupos, aproximava-se um do outro, até que em grande alarido, era perseguido pelo grupo contrario. Aos gritos e gargalhadas, em grande confusão, desferiam pancadas valentes, com cascas de palmito, não respeitando seios, nem rosto. Pareceu-nos notavel a indifferença com que recebiam fortes golpes, nos seios. Após algumas repetições analogas, de novo se foram deitar, tendo os homens permanecido nas palhoças, sem tomarem parte na brincadeira. Além de fortes, são muito ageis, o que pudemos verificar ao vel-os subir em coqueiros como não faria o melhor gymnasta.

Quando se permaneceu no acampamento dos indios tem-se a impressão de que só a mulher trabalha. Isso, pela rasão muito simples, de considerar a palhoça e suas immediações como a sua habitação e sendo todo o trabalho domestico attribuição exclusiva feminina, só a mulher é vista em actividade. Julgam, parece-nos, desfavoravelmente, o homem que se atira a labores dessa ordem. Assim, um de nós, quiz ajudar varias indias pillarem milho e este facto, produziu grande hilaridade entre os homens. Estes, pescam, caçam e guerreiam, constroem as palhoças e fazem o fogo, que a mulher se encarrega de conservar.

A caça é feita a arco e flecha. Quando querem pegar passaros vivos, empregam um laço que atam a paos e com os quaes derrubam maitacas, tirivas etc.. apanhando-as em seguida com as mãos, trazendo-as e conservando-as atados aos pés, junto a suas palhoças.

E' curioso notar que a caça que faz um indio, nao póde ser comida pelo mesmo. assim como pelos

seus parentes mais proximos, com excepção de sua mulher. O indio caça para os outros e nunca para si. Plantam milho e com este fazem diversos alimentos, sendo os principaes uma especie de pão feito com a farinha fermentada do milho e a sopa, de farinha torrada.

O pão é feito segundo esta receita : amassam á farinha azeda com agua, para o que enchem a bocca e esborrifam a agua sobre a massa. Uma vez homogenea a pasta, collocam-na, já molhada, sobre o brazeiro e cobrem-no todo com cinza. Quando assado, o pão é retirado das cinzas e lavado, pelo mesmo processo da « boca torneira ». O resultado é o previsto, pão amargo. Só empregam agua, por intermedio da boca, até mesmo para se lavarem as mãos e conseguem regular o jacto como a melhor torneira.

A sopa de milho torrado é feita lançando sobre a farinha torrada agua já fervida, quente.

— A unica instituição, que nos pareceu bem estabelecida é a da familia. Não reconhecem um chefe supremo, cacique, como em outras tribus. Acompanham em grupos, este ou aquelle indio mais popular, porem, que não tem a força de verdadeiro chefe. Não conhecem especialisações, como a do pagê, ou padre medico; lá, como entre quasi todos os homens, cada qual tem um pouco de medico e de louco. Não vimos nem o medico profissional (pagê) nem o louco declarado.

A constituição da familia é muito curiosa. A mulher destinada a um indio, se não quer acompanhá-lo é amarrada ao seu rancho até querer. Ao contrario do que se observa entre certos povos asiaticos, o casamento co-sanguineo não é permittido. Não se podem casar primos irmãos. São polygamos, sendo a bigamia bem comum. Com o contacto dos civilisados, muitas das mulheres tentaram induzir os seus maridos a terem só uma esposa, porém, crêmos, não o conseguiram. Isso não impede já ter havido uma tentativa de suicidio por

parte de uma india, apologista da monogamia, provavelmente por ter experimentado desgostos do ciúme.

Quando nasce uma criança, logo é a mesma classificada de certa fôrma, ficando filiada a grupamentos especiaes. Existem, parece, mais de seis grupos diversos. Nunca um membro de um desses, poderá se casar com outro, pertencente ao mesmo grupo.

Grupamentos ha, que permitem o casamento com individuos de todos os outros, assim como grupos que só facultam o enlace matrimonial com individuos filiados a este, ou aquelle grupo. A base dessa classificação, assim como a razão de ser desses complicados usos, estão sendo estudados pelo Dr. Horta Barboza, que foi quem nos relatou essas minucias.

Vivem nas mattas do sertão paulista, varios grupos de Caingangs, sempre hostilizando-se mutuamente, assim como a outras tribus de além Parapanema. Embóra já possuam armas de fogo, que manejam com perfeição, nos combates entre indigenas, só utilizam varapáos de guarantan, cortados na hora do combate, de cerca de 3 a 4 metros de comprimento. Tomam parte nos combates algumas mulheres, aiém dos homens. Quando um dos homens cae, ás pancadas de um adversario, as mulheres intervêm, impedindo a continuação das bordoadas.

Durante a lucta os vencedores, muitas vezes se apoderam de crianças dos adversarios e as levam consigo. Assim se explica a existencia de varios «Otis» (Chavantes), raptados quando crianças e que já se identificaram com os habitos caingangs.

Tivemos occasião de assistir á uma declaração de guerra, entre dous grupos e que merece ser descripta. O mais considerado de um grupo' sobre algum toco de arvore, de braços cruzados, a uma certa distancia do resto dos seus, brada em direcção ao grupo inimigo (que se acha muitas vezes a mais de 30 k. do lugar) uma serie de injurias, que se traduzem mais ou menos em questões relativas ao seu pouco gosto pelas mulheres, sua falta de viri-

lidade, sua pequena faculdade de procrear, etc. Esperam, assim, que algum adversario as ouça e vá levar ao campo contrario a relação das injurias. Prova isso, que não só, conhecem e exercitam a espionagem, como que ainda ha pouca probabilidade de em uma só vez, conseguirem a guerra. Esta, uma vez declarada é levada a effeito lentamente, segundo nos informaram, pois preparam primeiramente, mantimentos necessarios ás jornadas que vão fazer. As mulheres, durante o discurso de desafio, com gritos, augmentam o enthusiasmo do orador.

— Em relação á parte medica, observámos o que se segue. O Caingang é um pobre coitado, atacado por muitos males, alguns dos quaes trazidos pelos civilisados. Ao contrario do que se poderia pensar, os seus recursos therapeuticos, são muito rudimentares. Como já ficou dito, não conhecem indio com a função de medico, pois não ha o pagé de outras tribus.

A maleita tem feito grande mortandade entre essas miseras creaturas, e quando lhes assalta a febre, recorrem naturalmente á agua fria. Palpámos baços de varios indios, porém não sendo as nossas observações, em numero sufficiente, preferimos não dar relação entre palpaveis e não palpaveis. Citaremos apenas, que mesmo entre adultos, encontrámos esplenomegalia. Assim no indio *Gri*, de cerca de 50 annos, encontramos o baço a 5 dedos abaixo do rebordo costal; no indio *Goigri* de cerca de 40 annos, percebemos-o palpavel; a india *Gutchéré* (Oti-charante) de cerca de 22 annos, com baço palpavel; *Peréne* mulher de 18 annos, com baço palpavel; *Gueig*, homem de 35 annos, com baço 6 dedos abaixo do rebordo costal. Como se vê, um certo numero de adultos com esplenomegalia. Isso nos induz a crer, ser a maleita do lugar, relativamente recente, entre esses indios, pois se assim não fôra, essa reacção esplenica teria apparecido na infancia desses individuos, que hoje, já deveriam ter adquirido uma certa immuidade. Retirámos sangue de vários in-

dios, porém, infelizmente, perdemos muitas laminas. Nas laminas salvas, encontramos fórmulas em anel de terçã, no sangue do indio *Vauvin*. Notemos que muito indio tem morrido de malária, nestes ultimos annos.

A papeira é relativamente commum entre os Caingangs. Entretanto, não parece que se relacione com a molestia de Chagas. A determinação da origem dessa papeira, é um interessante problema que resolver. Procuramos e indaguamos dos camaradas da « Commissão e Protecção », se conheciam o « barbeiro », « baratão » transmissor da molestia. Foram todos unanimes em afirmar não existir ali. Aliás, as cabanas dos indigenas, seriam máos meios para abrigar esses insectos, já pela sua extrema simplicidade, já por serem immediatamente queimadas, quando atacadas por insectos.

Além disso, fizemos injeção de sangue do papudo *Goigri* (4.^o injectados em um gato branco, animal que conseguimos obter em Pennapolis), sem resultado.

Repetimos essa experiencia, com 5.^o de sangue da india papada *Tcheik* (chavante-oti), em um gato escuro. Também nesse caso não conseguimos encontrar typanosomas no sangue. Sabemos perfeitamente, que isso não seria o sufficiente para provar a inexistencia da molestia de Chagas, já pelo pequeno numero de experiencias feitas, já pelas difficuldades da technica que não podiam ser resolvidas em um passeio, mais que excursão scientifica, sem a ajuda de profissionaes e com difficuldades de transporte, não pequenas. Damos em seguida a lista dos indios que apresentavam bocio. No primeiro acampamento :

Gri. Homem, de cerca de 50 annos. Pescoço de 60 cent. de circumferencia. Papo bilobado, com mais desenvolvimento para o lado direito.

Esse mesmo indio que também é maleitoso tendo já accessos febris, na occasião, estava com 37.^o C. de temperatura, pulso fraco, regular 104 por minuto. O seu baço descia 5 dedos, abaixo do rebordo costal.

Goigri. Homem de cerca de 40 annos. Pescoço de 42 cent. de diametro; bocio predominando para o lado direito.

Vaurin (chefe de grupo). Apresentava bocio com uma cicatriz. *Referem os empregados da « Comissão » que tempos atrás, esse bocio espontaneamente supurou, diminuindo então de volume.* Registramos esse facto, sem comentarios, por lhe não termos achado explicação plausivel.

Nocanguí. Homem de cerca de 45 annos. Apresentava bocio pequeno, collocado muito alto. Esse mesmo indio, que tambem é maleitoso, tinha o baço 15 centímetros abaixo do rebordo costal.

Tchaik (chavarte-oti). Mulher, de cerca de 30 annos, apresentava grande bocio. O sangue dessa india, injectámos em gato, sem resultado.

No segundo acampamento vimos :

Gueig. Homem, de cerca de 35 annos, tambem papudo. Accumulava ainda as funcções de maleitoso e o seu baço extendia-se até 6 dedos abaixo do rebordo costal. Era de notar o seu pulso, apenas de 60 por minuto.

Vapin. Homem, de cerca de 35 annos, com bocio.

Nhencri. Homem, de cerca de 20 annos tambem com bocio.

Requencri. Indio de 38 annos, com papeira datando de cerca de um anno, segundo informes do pessoal da « Comissão ». Homem muito sympathico extraordinariamente activo, trabalhador.

Do exposto, se vê, que sobre os 95 indios dos dois acampamentos, encontrámos 9 com hyperthophia da thyroide.

Essas notas, aqui ficam para orientar, a quem melhor queira se interessar pelo assumpto.

— A influencia e o deluxo de nariz, entre os indigenas de São Paulo, como entre os do Amazonas, segundo diz Rondon, tem um character de especial gravidade. Quando visitámos esses coitados,

era notavel o numero de atacados de tosse pertinaz acompanhada de dôres de cabeça, fêbre e abatimento geral.

Não encontrámos vestígios de leishmanioses (ulcera do Bauri), entre os aborígenes, apesar desses índios viverem no matto, que parece favorecer a aquisição dessa infecção, segundo opinião já emittida por Brumpt e Pedroso em 1913 e confirmada pela comunicação verbal que nos fez o collega Dr. Urbano Telles de Menezes que teve occasião de tratar de muitos portadores de ulcera em « Calmon » notando que só a adquiriam aquelles que dormiam no matto, nunca acontecendo infectar-se trabalhador que dormisse no campo.

Aliás o mesmo facto da inexistencia dessa molestia entre indígenas de Matto Grosso, já foi relatado pelo Dr. Roquette Pinto.

No segundo acampamento encontrámos, um unico individuo, com essa molestia, era o camarada Paulo Ribeiro, de 20 annos e que apresentava ulcera de cerca de 3 centímetros de diametro, no antebraço direito. Diz elle, tel-a apanhado, quando em Pennapolis, anteriormente a sua ida para o acampamento

— Em relação ao parto, não obtivemos na occasião dados precisos. — Estes são encontrados na publicação do Visconde de Taunay, segundo vimos apôs.

E' notavel o pequenc numero de crianças entre os índios que conhecemos.

A syphilis assim como a gonorrhêa, não faz parte das molestias existentes entre esses selvícolas, devido provavelmente ao comportamento exemplar do pessoal da commissão, e ainda por não se observar, como entre os Guarany's, de perto de Bauri, a prostituição.

— Toda a therapeutica, limita-se á pratica de massagens, sargrias, amarraduras e banhos frios contra febres.

As massagens são feitas geralmente com os pés. O doente, uma vez deitado é pizado com cau-

tella pelo operador, até que este encontre o limite inferior das costellas, momento em que pisa com força chegando mesmo a sapatear sobre o pobre ventre do paciente, produzindo essa pratica, por vezes, até syncopes. Usam esfregar, antes da massagem, um pó, de raspagem de cascas aromaticas, entre outras da planta denominada vulgarmente « Maria Preta ». Dizem elles, esse pó determinar assaduras. Fazem tambem massagens, por meio de um pedaço de pau de canella, arredondada, da forma de um sabonete.

As sangrias feitas nas pontos doloridos, são largamente applicadas. Procedem-nas por meio de pedrinhas ponteagudas, (silex etc.,) Hoje em dia, preferem cacos de vidro. As sangrias são feitas, em fórma de series de perfurações, não fazendo largas incisões.

Outro recurso é a amarradura da cabeça, braços, dedos, etc, com fibras de caragôatá ou imbé.

Ainda contra dores de cabeça, informaram-nos do uso de certas folhas aquecidas, que amarram á testa. Nas feridas, applicam um pó, de cascas queimadas de jaborandy.

Contra as mordeduras de cobras, procedem de fórma bem diversa, da aconselhada por Vital Brasil.

Em um estrado inclinado e bastante alto, collocam a victima. Um brazeiro por baixo. Ao paciente dão de beber só agua bem quênte, enquanto regam a ferida com agua tambem aquecida. Geralmente ao cabo de certo tempo, o paciente vomita. Referem alguns camaradas da Commissão, que até por vezes liquidos com sangue. Esse tratamento é continuado até julgarem o paciente fóra de perigo, ou que haja o mesmo morrido.

— A linguistica não sendo o nosse fórté, deixaremos aqui, tão sómente, consignados alguns vocabulos, collidos no breve convivio entre os Caingangs, vocabulos fornecidos alguns por camaradas, outros pelo intrepido moço Sr. Augusto de Avellar, interprete da Commissão de Protecção aos Indios, todos entretanto, por nós verificados, como

verdadeiros. pois com elles, nos fizemos entender, dos aborigenes. Pareceu-nos ser pobre a lingua Caingang Pobre e primitiva. Os verbos são usados no infinito, modificados por certas particulas existentes.

O son 'l,, não usam, sendo que o 'r,, de inicio das palavras é molle, dando motivo a confusão com o 'l,,. Existe um som semelhante ao 'ch,, allemão e outro correspondente ao 'u,, inglez. na palavra « bug. »

Contam até o numero trez. O Visconde de Taunay, dá no seu vocabulario palavras que designam até o numero oito.

Numeros elevados, representam pela palavra « E » que significa, *muito*. Como têm boa memoria, quando desejam se referir a numeros superiores a trez, passam a descrever as particularidades notadas em cada unidade.

Assim, um grupo de homens, é descripto, citando o indio, os caracteristicos de cada um; desta forma os outros, avaliam a quantidade.

Palavras ha, que servem para indicar cousas diversas. Assim « rangrè » exprime o numero « dous », e « irmão » ao mesmo tempo; « cai ken », é tanto « primo », como « amigo » e o que é bem curioso. « gá » quer dizer « terra » e « piolho », talvez pela semelhança do animaliculo, com os grãos de areia. Este ultimo exemplo, faz lembrar, a definição dada por um humorista francez, á pulga, como sendo « um grãin de tabac á ressort »; pelo menos, obedece ao mesmo raciocinio. — O idioma Caingang soffre evoluções e algumas, muito pittorescas. Para « sapato », fizeram a palavra nova, « pentorá » que significa « pé que não dóe », para « trem », arranjaram « geritan pin » ou seja, « lagarto de fogo » ou ainda « grande corrida de fogo ».

Revólver é « dô-tehòro » ou flexa curta; « cobertor » é « caruentchon » ou « panno vermelho »; « soldado » (só conheceram os do exercito de kepi

vermelho) é « crin-cutchon » ou « cabeça vermelha ». Relógio é « ren-tchin » ou seja « pequeno sol ». Notamos que não se satisfaziam com a nossa pronúncia, sendo sob esse ponto, ainda mais exigentes do que os ingleses. Apenas o interprete, Sr. Augusto de Avellar, conseguia fallar a seu contento.

Eis a lista de vocabulos, trazidos de lá e que foi arranjado, não tendo nós, conhecimento da existencia de outros vocabularios.

Damos comparativamente os vocabulos publicados pelo Visconde de Taunay.

Os vocabulos, sem correspondentes de Taunay, são os que não figuram no seu vocabulario.

NOVO VOCABULABIO

VOCABULARIO TAUNAY

A

agua = goió
 aqui = taki
 alli = erenki
 amigo = cai-ken
 arco = vu-iê

B

beber = « crônia »
 bigode
 ou = « jovén » ou « ióvén »
 barba
 botina = pentorá
 biscouto (pão) = iamim
 braço = iopén
 branco = cuprí
 boca = nhent-ké

C

cabello = guhen
 cabeça = crin
 calças = fuá
 caitetu = cog-tchê
 caminho = iamine
 cantar = capôt
 cavallo = man-bug (esse bug,
 pronuncia-se á ingleza)

A

goió

 veie, guiá, ueie

B

acrôn
 ienkigliná

 joé

 hipén ou hijén
 cópri
 ienké

C

inhán
 crin
 danengoró
 oxixá
 empri-hâne
 taintan

cesto = canhên	
coati = tchê	
cotia = cui-tchóg	quixó
coqueiro = tem (ou taim)	tatefeá
comer = cõia	coon
cortar = kip	crê
correr = tcháimuie	tamtanhê
chorar = vuan	tuang tong
cobertor = curucutehon	
cobra = pane	
corpo = râ	
collar = uhent-cá	iancá

D

D

dar = muni	
dente = inhên	nhá
depois = cará ou onte-hin	
descer = cantarê	tirera
doente = cangá	(doença) = cangate
dormir = nôro	dorôná
dois = rangrê	rengre
d'onde vem ? = ren-tê-cantin	
dizer = mankê	haké
dedo = nigué-véia	inhenguefaé

E

E

eu = ig	i ou nin
elle = ti	fá ou fag
elle fallou = ti mankê	
estrella = crina	criu
esposa = pron	(esposo) = pron
espingarda (flexa) = dô	bocá
extrangeiro = fóg	

F

F

facá = cufé	kifé
farinha torrada = med-furo	metefú
fazer = ráne	
feijão = rangró	rongró
feio = corague ou coregue	
fibra (de abacaxi) anhurú	
fogo = pin	pin

G

G

grande = bug (pronuncia-se á ingleza)	bángue, báne, be ou beu
--------------------------------------------	-------------------------

H

homem = gré

I

igual = riké

ir = tine

ir junto = imbre-tine

irara = kengren

irmão = rangrê

inhambú = dé

J

jacú = có-hé

jacutinga = pei

jaguaririca = grud

jahó = popô-curo

junto = imbré

L

laço (para passaros) = vêvê-
cupri

lavar = cupeia

longe = vá

lua = cuitchen ou cuitché

M

machado = begue

macaco = canhêre ou canhene

macuo = uô

mão = mingué

matto = ven

mandar = curi-mankê

maracanã = gnand-gnang

mel = man

menino sinho = curon-tchin

moço = tiaí-ô

molhar = iapurã

muito = ê

muito perto = cá-có-tchin

muito longe = có-vá-rangue-
camá

N

não = map-tio ou ton

não tem mais = ton

H

ongré, pahy

I

tinhra

inhan-hê

J

pei

pein

grim

L

cupeia

corangue

kichá

M

ben

caieré

uô

ininguê

cá, cacant, uáine

kentekére

mang

(menino) = pauin

kerón

(molhado) = timbereré

ititi

N

ton

não saber = canharó-ton	
nariz = ninhê	iminhé
noite = euté	cuté
noiva = pron-ia-kê	

O

O

Olhos = cané	cané
onça = min, amin ou chok-pré	mim
o que é isso? = dên-nau-é	

P

P

Pae = iog	ioi
pae branco = iog - cupri = (Dr. Horta Barbosa)	
panella = cucrôn	cocró
pauno = euro ou curú	curú
paca = criran	cocamé
palmito = tanhune	(palmeira) = tain.
pau d'alho = ken - có - cré	
pé = pên	ipen
pequeno = tchin	xin
perna = oá	idjuá
pedra = pot	pó
peroba = tché	penoá
picadão = iaprí	
piolho = gá	engá
pomba = pencaim	pentecoin
porco do matto = crug	crana
primo = caiken	iregre

Q

Q

quantos são? = cag - rangué	
que disse elle? = reng - i - dê - tin ou kê - dê - tê	
quem é? = onaué	
quente = rã	arãhenguet

R

R

rêde = iaquê	ténia
relogio = rên - tchin	
resina = tiren (serve para es- fregar no rosto)	
rir = vendiú	vendéra
roça = iapãu	ipan
rio grande = goio - bug	goio bane
rio pequeno = goio tchiu	goio - xin

revólver = dô - tchôro
 roubar = péiú
 rosto = cákên, iamé ou iané

S

saber = canharó
 sabiá = gonó - ven
 sim = an
 soldado = crin - cutchôn
 sol = reu
 sopa = medfuro
 sorvete
 (doce frio) = man - cutchá
 subir = manprú ou toprú

T

tatú = rin - cô
 tanga = pé - vin - tchin
 teriva = coioi
 terra = gá
 trabalhar = ren - ren
 tres = teng - tong
 tu = e - êm

U

um = piré
 urú = put - püre

V

Vá buscar = curi - cangu - mira
 Veado = kembé
 Venha cá = curo - cantin
 Vento = corrut
 Vir = cantin

S

gonoân
 ondtú

ara

tamprira

T

fenin

gá
 aranha - ranha
 taeton
 ha

U

pire
 pepeêre

V

ueetin
 cambé
 cotingra
 cancá

Como se vê, ha diferenças entre o vocabulario organizado pelo Visconde de Taunay, para os Caingangs do Paraná, em 1881 e o que reunimos e verificamos servir para os mesmos indios de S. Paulo em 1916.

Seguem-se alguns nomes de indios :

Do 1.º acampamento :

Gri	—	homem	de	cerca	de	50	anos
Goigrí	»	»	»	»	»	40	»
Gavaulha	»	»	»	»	»	20	»

Nocanguí	homem	de	cerca	de	45	annos
Uumbri	»	»	»	»	60	»
Vauvin	»	»			—	—
Norenguí,	menino	de	»	»	12	»
Lagúí,	»	»	»	»	12	»
Voái	menina	»	»	»	12	»
Leunhegã	mulher	»	»	»	30	»
Tchaik	»	»	»	»	30	»
(Chavante — Oti)						

Do 2.º acampamento:

Requeneri	—	homem	de	cerca	de	38	annos
Vapin	»	»	»	»	»	35	»
Gueig	»	»	»	»	»	35	»
Nhenerí	»	»	»	»	»	20	»
Cutchêve	»	»	»	»	»	22	»
(Chavante — Oti)							
Nivura,	mulher	»	»	»	»	25	»
Parênê	»	»	»	»	»	18	»

Ainda encontramos uma mulher com o nome de *Nari* entre outras mais, cujos nomes perdemos.

Terminando, deixamos aqui os nossos agradecimentos aos irmãos Piza, pela gentileza do convite que nos fez e pelo bom trato que nos proporcionou em suas terras, bem como ao diligente Sr. José Candido, Sr. Augusto Avellar e outros membros da Comissão de Protecção aos indios, dirigidos pelo Exmo. Sr. Dr. Horta Barbosa, que não estando nos acampamentos, durante o tempo que lá permanecemos quiz ter a bondade de nos fornecer varios dados a respeito dos Caingangs. As photographias que illustram esta contribuição, foram-nos cedidas gentilmente pelo sr. Rivadavia de Barros, nosso amavel companheiro de excursão.

Ao leitor pedimos, que não veja, nestas notas mais do que uma pequena contribuição de um curioso em viagem de recreio, sem os recursos de conhecimentos especiaes e na parte medica, sem material necessario e auxilio tecnico regular.



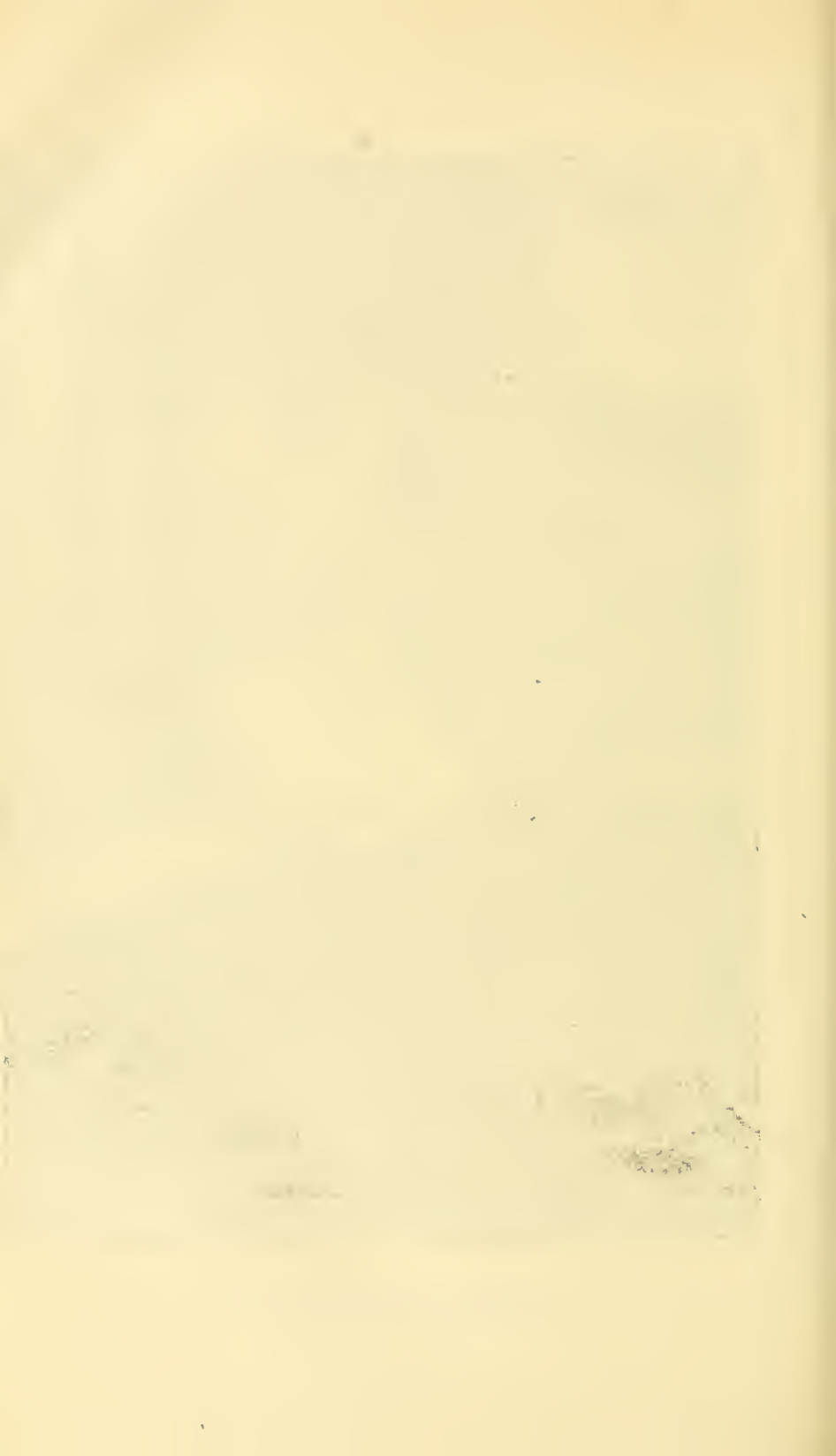
Uma das bellezas da tribu. No fundo pode-se ver um abrigo de índios, coberto de folhas de palmeiras.



Meninas, com tangas de tecido de caragoatá.
— impaludadas —



Indiasinha e menino sentados ao lado de uma das casas da
"Comissão de Protecção aos indios".





India com tanga, como vivem geralmente.



Índias pilando milho. Notar o pilão e o cesto.



Dous indios papudos.
O da direita está com a cabeça baixa, não deixando ver
perfeitamente o bocio.